

Pecado ou Desvio do Alvo ?



O que é pecado? O termo pecado é comumente utilizado em um contexto religioso judaico-cristão para descrever qualquer desobediência à vontade de Deus; em especial, qualquer desconsideração deliberada de leis divinas.

No hebraico e no grego comum, as formas verbais (em hebr. *hhatá*; em gr. *hamartáno*) significam "errar", no sentido de **errar** ou **não atingir um alvo, ideal ou padrão**. Em latim, o termo é vertido por *peccátu*.
(<https://pt.wikipedia.org/wiki/Pecado>)

Pecado é um conceito encontrado em toda e qualquer religião. O termo (...) tem uma conotação religiosa, espiritual, referindo-se ao não cumprimento dos desígnios de Deus (...). Os judeus sempre viram a transgressão de qualquer um dos mandamentos sagrados como um pecado. Para eles, o Homem não peca porque em sua natureza é um pecador, seus erros são frutos de suas ações, não são práticas permanentes. (...) Segundo a doutrina hebraica, o ser humano tem o livre arbítrio, portanto tem responsabilidade sobre seus erros, embora tenha uma certa inclinação natural para o pecado (...).

(<https://www.infoescola.com/religiao/pecado/#:~:text=O%20termo%20vem%20do%20grego,%C3%A0%20viola%C3%A7%C3%A3o%20de%20suas%20Revela%C3%A7%C3%B5es>)

O Evangelho segundo o Espiritismo (trad. Herculano Pires) – **Cap.8. Bem-Aventurados os puros de coração – 5. Pecado por pensamento e adultério**

5. *Ouvistes que foi dito aos antigos: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo que todo o que olhar para uma mulher, cobiçando-a, já no seu coração adulterou com ela. (Mateus, V: 27-28).*

6. A palavra adultério não deve ser aqui entendida no sentido exclusivo de sua acepção própria, mas com sentido mais amplo. Jesus a empregou frequentemente por extensão, para designar o mal, o pecado, e todos os maus pensamentos (...). A verdadeira pureza não está apenas nos atos, mas também no pensamento, pois aquele que tem o coração puro nem sequer pensa no mal. (...)

7. Este princípio leva-nos naturalmente a esta questão: Sofrem-se as conseqüências de um mau pensamento que não se efetivou? Temos de fazer aqui uma importante distinção. À medida que a alma, comprometida no mau caminho, avança na vida espiritual, vai-se esclarecendo, e pouco a pouco se liberta de suas imperfeições, segundo a maior ou menor boa-vontade que emprega, em virtude do seu livre arbítrio. Todo mau pensamento é portanto o resultado da imperfeição da alma. Mas, de acordo com o desejo que tiver de se purificar, até mesmo esse mau pensamento se torna para ela um motivo de progresso, porque o repele com energia. É o sinal de uma mancha que ela se esforça por apagar. Assim, não cederá à tentação de satisfazer um mau desejo, e após haver resistido, sentir-se-á mais forte e contente com a sua vitória. Aquela que, pelo contrário, não tomou

boas resoluções, ainda busca a ocasião de praticar o mau ato, e se não o fizer, não será por não querer, mas apenas por falta de circunstâncias favoráveis. Ela é, portanto, tão culpada, como se o houvesse praticado.

Em resumo: a pessoa que nem sequer concebe o mau pensamento, já realizou o progresso; aquela que ainda tem esse pensamento, mas o repele, está em vias de realizá-lo; e por fim, aquela que tem esse pensamento e nele se compraz, ainda está sob toda a força do mal. Numa, o trabalho está feito; nas outras, está por fazer. Deus, que é justo, leva em conta todas essas diferenças, na responsabilidade dos atos e dos pensamentos do homem.



625. (...) *Jesus* é para o homem

o tipo de perfeição moral a que pode aspirar a Humanidade na Terra. Deus nos o oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque ele estava animado do espírito divino e foi o ser mais puro que já apareceu na Terra.

(O Livro dos Espíritos – Livro 3. As Leis Morais – Cap.I. A Lei Divina ou natural)



Jesus
É o nosso Alvo e Caminho



Como Chegar

919. Qual é o meio prático mais eficaz para se melhorar nesta vida e resistir ao arrastamento do mal? - (...) "Conhece-te a ti mesmo".

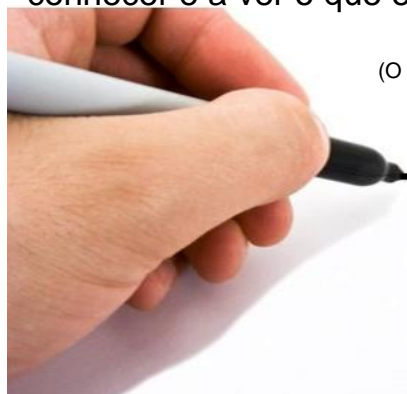
919.a. Compreendemos (...), mas a dificuldade está precisamente em se conhecer a si próprio.

Qual o meio de chegar a isso?

- Fazer o que eu fazia quando vivi na Terra: no fim de cada dia, interrogava a minha consciência, passava em revista o que havia feito e me perguntava a mim mesmo se não tinha faltado ao cumprimento de algum dever, se ninguém teria tido motivo para se queixar de mim. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim necessitava de reforma. (...)

SANTO AGOSTINHO

(O Livro dos Espíritos – Livro 3. As Leis Morais – Cap.XII. Perfeição moral)



PRIORIDADES

- #1 Pra ontem
- #2 Urgentíssimo
- #3 Urgente
- #4 Importante



A Reforma Íntima é um processo contínuo de autoconhecimento da nossa intimidade espiritual, modelando-nos progressivamente na vivência evangélica (...). É a transformação do homem velho, carregado de tendências e erros seculares, no homem novo, atuante na implantação dos ensinamentos do Divino Mestre, dentro e fora de si. (...)

Para que a Reforma Íntima?

Para transformar o homem e a partir dele, toda a humanidade, ainda tão distante das vivências evangélicas. Urge enfileirarmo-nos ao lado dos batalhadores das últimas horas, pelos nossos testemunhos, respondendo aos apelos do Plano Espiritual (...)

Como fazer a Reforma Íntima?

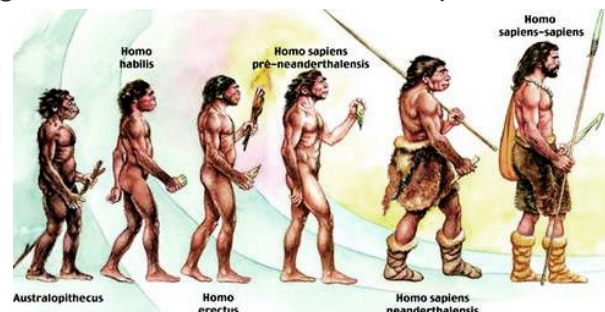
Ao decidirmos iniciar o trabalho de melhorar a nós mesmos, um dos meios mais efetivos é uma Escola de Aprendizes do Evangelho, cujo objetivo central é exatamente esse. Com a (...) cobertura do Plano Espiritual, conseguimos vencer as naturais dificuldades (...) e transpomos as nossas barreiras. (...) Mas (...) sozinhos podemos fazer a nossa Reforma Íntima, desde que nos empenhemos (...), vivendo coerentemente com os ensinamentos de Jesus.

(<https://espírito.org.br/artigos/reforma-intima-3-2/>)

O Céu e o Inferno - 1ª Ed. - Cap.VI. Doutrina das penas eternas Impossibilidade material das penas eternas

De acordo com esse dogma (das penas eternas), o destino da alma está irrevogavelmente fixado após a morte. É, portanto, um obstáculo intransponível que se opõe ao progresso. Ora, a alma progride ou não? Eis aí toda a questão. Se progride, a eternidade das penas é impossível.

Poderíamos duvidar desse progresso quando constatamos a imensa variedade de aptidões morais e intelectuais que existem sobre a Terra, do selvagem ao homem civilizado, ou quando constatamos



a diferença que um mesmo povo apresenta de um século para o outro? Se admitirmos que não são mais as mesmas almas, será preciso então concluir que Deus as criou nos diversos graus de adiantamento, segundo as épocas e os lugares, favorecendo algumas almas e condenando outras a uma inferioridade perpétua, o que seria incompatível com a justiça, que deve ser a mesma para todas as criaturas.

É incontestável que a alma intelectual e moralmente incipiente, qual seja, a dos povos bárbaros, não pode ter os mesmos elementos de felicidade, a mesma aptidão para fruir dos esplendores do infinito como a alma em que todas as faculdades estão amplamente desenvolvidas. Portanto, se essas almas não progredirem, elas só podem, mesmo nas condições mais favoráveis, *desfrutar perpetuamente de uma felicidade, por assim dizer, incompleta*. Chegamos

forçosamente, portanto, para estarmos de acordo com a justiça mais rigorosa, à conclusão de que as almas mais avançadas são as mesmas que eram atrasadas e depois progrediram. Contudo, aqui encontramos a importante questão da pluralidade das existências, único meio racional de resolver a dificuldade. Mas deixemos por ora essa questão, e consideremos que a alma tenha uma só existência.

Imaginemos um jovem de vinte anos como tantos que há, ignorante, de índole viciosa, a negar sua alma e a Deus, a entregar-se à desordem e a praticar toda espécie de malvadez. Eis, no entanto, que ele se encontra num meio favorável: trabalha, instrui-se, corrige-se pouco a pouco e acaba por tornar-se um homem de bem. Não será esse um exemplo factível do progresso de uma alma durante a vida, e não se veem diariamente casos semelhantes? Por fim, numa idade avançada, esse homem morre santificadamente, tendo sua salvação naturalmente assegurada. Mas qual teria sido seu destino se, devido a um acidente, houvesse ele morrido quarenta ou cinquenta anos mais cedo? Estaria numa condição que resultaria em sua assegurada condenação. Ora, uma vez condenado, acabaria qualquer possibilidade de progresso. Eis porque um homem salvo porque viveu muito tempo, e que, de acordo com a doutrina das penas eternas, estaria condenado para sempre caso houvesse vivido menos. (...) Por que lhe negaria Deus os meios para tal? O arrependimento, ainda quando tardio, não deixou de ocorrer. Mas se lhe tivesse sido imposta uma condenação inapelável a partir do instante de sua morte, qualquer arrependimento ser-lhe-ia inútil por toda a eternidade (...).

O dogma da eternidade absoluta das penas é, portanto, incompatível com o progresso da alma (...): se um é válido, o outro não o pode ser. Qual dos dois é verdadeiro? A lei do progresso é patente, não é uma teoria, é um fato constatado pela experiência, uma lei da Natureza, lei divina e imprescritível.

Nota de rodapé do editor ao item: Desde a tradição da Antiguidade, predominava (...) a crença na posição fixa da Terra no centro do Universo (...). No século 19, o progresso foi reconhecido como lei natural pela ciência, enquanto as seitas religiosas não acompanharam esse conhecimento (...). O Espiritismo amplia o alcance da lei do progresso para as questões psicológicas e metafísicas, definindo a evolução do princípio inteligente como fundamento da diversidade presente no Universo, combinado com a unidade representada por Deus e as leis naturais que regem tanto o mundo corporal quanto o espiritual. (N. do E.)

(O Céu e o Inferno: ou a justiça divina segundo o Espiritismo [livro eletrônico] - Allan Kardec; tradução de Emanuel Dutra. Guarulhos (SP): Fundação Espírita André Luiz, 2021)

(...) Se o dogma das penas eternas fosse uma verdade, Santo Agostinho, São Paulo e muitos outros jamais teriam chegado a ver o Céu, caso tivessem morrido antes do progresso que lhes trouxe a conversão. A essa última asserção respondem alguns que a conversão desses homens santos não foi um resultado do progresso de suas almas, mas da graça que lhes foi concedida e pela qual foram tocados. Isso, porém, não passa de um jogo de palavras. Se praticaram o mal, e fizeram mais tarde o bem, é porque se tornaram melhores, progredindo (...). Ter-lhes-ia

Deus, então, concedido, como um favor especial, a graça de se corrigirem? Por que a eles e a outros não? Seria ainda a doutrina dos privilégios, incompatível com a justiça de Deus e com seu igual amor por todas as criaturas. Segundo a Doutrina Espírita, em consonância com as próprias palavras do Evangelho, com a lógica e com a mais rigorosa justiça, o homem é o filho das suas obras, durante esta vida assim como após a morte, nada devendo à ajuda de ninguém: Deus o recompensa por seus esforços, e o pune por sua negligência, por tanto tempo quanto nela persistir.

À noite, em casa de Simão, transparecia um véu de tristeza na maioria dos semblantes. Tadeu e André, atacados horas antes, nas margens do lago, por alguns malfeitores, viram-se constrangidos à reação apressada. (...)

Quando Jesus começou a falar acerca da glória reservada aos bons, os dois discípulos deixaram transparecer, através do pranto discreto, a amargura que lhes dominava a alma e, não podendo conter-se, Tadeu clamou, aflito:

— Senhor, aspiro sinceramente a servir à Boa-Nova; contudo, sou portador de um coração indisciplinado e ingrato. Ouço, contrito, as explanações do Evangelho; lá fora, porém, no trato com o mundo, não passo de um Espírito renitente no mal. Lamento... lamento... mas como trabalhar em favor da Humanidade nestas condições?

Embargando-se-lhe a voz, adiantou-se André, alegando, choroso:

— Mestre, que será de mim? Ao seu lado, sou a ovelha obediente; entretanto, ao distanciar-me... basta uma palavra insignificante de incompreensão para desarmar-me. Reconheço-me incapaz de tolerar o insulto ou a pedrada. Será justo prosseguir ensinando (...) a prática do bem, imperfeito e mau qual me vejo?

Calando-se André, interferiu Pedro, considerando: — Por minha vez, observo que não passo de mísero Espírito endividado e inferior. Sou o pior de todos. Cada noite, ao me retirar para as orações habituais, espanto-me diante da coragem louca dentro da qual venho abraçando os atuais compromissos. Minha fragilidade é grande, meus débitos enormes. Como servir aos princípios sublimes do Novo Reino, se me encontro assim insuficiente e incompleto?

À palavra de Pedro, juntou-se a de Tiago, filho de Alfeu, que asseverou, abatido: — Na intimidade de minha própria consciência, reparo quão longe me encontro da Boa-Nova, verdadeiramente aplicada. Muita vez, depois de reconfortar-me ante as dissertações do Mestre, recolho-me ao quarto solitário, para sondar o abismo de minhas faltas. Há momentos em que pavorosas desilusões me tomam de improviso. Serei na realidade um discípulo sincero? Não estarei enganando o próximo? Tortura-me a incerteza... Quem sabe se não passo de reles mistificador?

Outras vezes se fizeram ouvir no cenáculo, desalentadas e cheias de amargura.

Jesus, porém, após assinalar as opiniões ali enunciadas, entre o desânimo e o desapontamento, sorriu, tocado de bom humor, e esclareceu:

— Em verdade, o paraíso que sonhamos ainda vem muito longe e não vejo aqui nenhum companheiro alado. A meu parecer, os anjos, na indumentária celeste, ainda não encontram domicílio no chão áspero e escuro em que pisamos. Somos aprendizes do bem, a caminho do Pai, e não devemos menoscar a bendita oportunidade de crescer para Ele, no mesmo impulso da videira que se eleva para o céu, depois de nascer no obscuro seio da terra, alastrando-se compassiva, para transformar-se em vinho reconfortante, destinado à alegria de todos. Mas, se vocês se declaram fracos, devedores, endurecidos e maus e não são os primeiros a trabalhar para se fazerem fortes, redimidos, dedicados e bons em favor da obra geral de salvação, não me parece que os anjos devam descer da glória dos cimos para substituir-nos no campo de lições da Terra. O remédio, antes de tudo, se dirige ao doente, o ensino ao ignorante... (...)

(Jesus no lar - Neio Lúcio - O argumento justo)

O Livro dos Espíritos (trad. Herculano Pires) - **Livro 3.** **As Leis Morais - Cap. 6. Lei de destruição**

737. Com que fim Deus castiga a Humanidade com flagelos destruidores? - Para fazê-la avançar mais depressa. Não dissemos que a destruição é necessária para a regeneração moral dos Espíritos, que adquirem em cada nova existência um novo grau de perfeição? E necessário ver o fim para apreciar os resultados. Só julgais essas coisas do vosso ponto de vista pessoal, e as chamais de flagelos por causa dos prejuízos que vos causam; mas esses transtornos são freqüentemente necessários

para fazer com que as coisas cheguem mais prontamente a uma ordem melhor, realizando-se em alguns anos o que necessitaria de muitos séculos.



Antigo Testamento - Jeremias 18:6. "Ó comunidade de Israel, será que não posso eu agir com vocês como fez o oleiro? ", pergunta o Senhor. **"Como barro nas mãos do oleiro, assim são vocês nas minhas mãos.**

Calamidades, flagelos, conflitos, lutas, provas!...

Os quadros do mundo moderno, porém, não expressam retorno ao primitivismo ou exaltação da animalidade. Achemo-nos em plena via de burilamento e progresso. A Terra assemelha-se hoje a casa em reforma.

Tudo ou quase tudo aparentemente desajustado para a justa rearmonização.

Na altura atual dos conhecimentos humanos não será recomendável uma revisão de valores por parte do homem, considerando-se o homem na sua condição de Espírito imperecível? Conceitos enunciados pela civilização cristã, em quase vinte séculos, são agora testados, acordando as criaturas

para a responsabilidade de viver nos padrões da imortalidade que nos é própria.

Desnível espiritual na família, criando perturbações, compelem aqueles que a integram para a conscientização da regra de ouro. Abre-se mais amplamente a escola da experiência, a fim de que aprendamos a respeitar os entes queridos, tanto quanto anelamos ser respeitados.

Desentendimentos aqui e além requisitam a presença de construtores da segurança geral. Matriculemo-nos na concorrência ao título de pacificadores (...), imunizando-nos contra revide ou ressentimento.

A felicidade (...) nos processos de vivência comum reclamam a abnegação de quantos se declaram a favor do mundo melhor. Surpreendemos nisso expressivo concurso de valores pessoais (...) na base da legenda evangélica: “Quem deseja ser o maior que se faça o servidor de todos”. (Lc)

Ergamo-nos para a vida sustentando a luz da esperança. Evidentemente não temos a moradia planetária sob sentença de extermínio.

Continuamos todos resguardados pelo equilíbrio das leis universais. O que existe presentemente na Terra é o chamamento cada vez mais vivo ao testemunho individual de compreensão e aperfeiçoamento, com multiplicadas oportunidades de trabalho em louvor de nossa própria renovação.

(Chico Xavier pede licença - Emmanuel - 27. Casa em reforma)

O Pecador escutava a orientação de um Santo, que vivia, genuflexo, à porta de templo antigo, quando, junto aos dois, um Anjo surgiu na forma de homem, travando-se breve conversação entre eles. (...)

O ANJO (Dirigindo-se ao Santo) Vejo que permaneceis em oração e animo-me a solicitar-vos apoio fraternal.

O SANTO - Espero o Altíssimo em adoração, dia e noite.

O ANJO - Em nome d’Ele, rogo o socorro de alguém para uma criança que agoniza num lupanar.

O SANTO - Não posso abeirar-me de lugares impuros...

O PECADOR - Sou um pobre penitente e posso ajudar-vos, senhor. (...)

O ANJO - Não longe daqui, triste menina, abandonada pelo companheiro (...), pretende afogar-se... É imperioso lhe estenda alguém braços fortes para que se recupere, salvando-se-lhe também o pequenino em vias de nascer.

O SANTO - Não me compete buscar os delinquentes senão para corrigi-los.

O PECADOR - Determinai, senhor, como devo fazer.

O ANJO - Um irmão nosso, viciado no furto, planeja assaltar, na presente semana, o lar de viúva indefesa... Necessitamos do concurso de quem o dissuada de semelhante propósito, aconselhando-o com amor.

O SANTO - Como descer ao nível de um ladrão?

O PECADOR - Ensinai-me como devo falar com ele.

Sem vacilar, o Anjo tomou o braço do Pecador prestativo e ambos se afastaram, deixando o Santo em meditação(...). Enovelaram-se anos e anos na

roca do tempo, que tudo alterara. O átrio mostrava-se diferente. O santuário perdera o aspecto primitivo e a morte despojara o Santo de seu corpo macerado por cilício e jejum, mas o crente imaculado aí se mantinha em Espírito (...). Certo dia, sensibilizando mais intensamente as antenas da prece, viu que alguém descia da Altura, a estender-lhe o coração em brando sorriso. O Santo reconheceu-o. Era o Pecador, nimbado de luz.

— Que fizeste para adquirir tanta glória? perguntou-lhe, assombrado.

O ressurgido, afagando-lhe a cabeça, afirmou simplesmente: — Caminhei.

(Contos desta e doutra vida - Irmão X - 24. O anjo, o santo e o pecador)